

Inflação é questão de tempo

Rio — Quando saía da Escola de Guerra Naval, no momento em que parava o carro oficial para uma rápida entrevista aos repórteres, a ministra Zélia Cardoso de Mello teve uma experiência extra-protocolo das mais agradáveis. A presença de uma fã mirim, a menina carioca Carolina Valdeck, de apenas sete anos, que pediu aos seguranças para entrar no carro. Atendida, ela conheceu a ministra, e as duas ficaram por mais de um minuto de mãos dadas, conversando.

Para a ministra Zélia Cardoso de Mello, conforme dissera à menina Carolina, “está tudo bem”. E a queda da inflação, como ressaltara aos alunos da Escola de Guerra Naval, “é uma questão de tempo”. E os bancos terão de entender isso. Caso contrário, mais enxugamento monetário acontecerá, desaquecendo mais e mais a já bem morna economia do País. Segundo sua análise, a inflação não está caindo devido a indexação informal da economia, preços, lucros, salários e serviços. Mas ela espera as mudanças, para antes do final do ano.

E terá de ser já agora em se-

tembro, porque a carta de intenções com o FMI irá estabelecer parâmetros duros e inalteráveis, para o desempenho da economia. Caso contrário, o Brasil terá de pedir perdão ao FMI, e o acordo agora em gestação poderá até ser desconsiderado. Lá por dezembro, provocando um impasse nas futuras negociações com o bancos privados credores de grande parte da nossa dívida externa, hoje em cerca de 114 bilhões de dólares. E a ministra da Economia não quer nem pensar na hipótese de mais um *waiver* (perdão).

Para ela, conforme afirmou aos jornalistas, no rápido contato, “os efeitos das políticas monetária e fiscal podem demorar mais ou menos tempo, mas sem dúvida, virão a se concretizar, e a queda de preços será então inexorável”. Sobre os preços, entretanto, ela não se disse preocupada. “Nós entendemos que nos dois últimos meses conseguimos uma vitória: mostrar para os brasileiros que uma inflação não tem sempre que estar subindo. Isso para nós é uma grande vitória”. E aproveitou para ironizar os colegas economistas, que “costumam antecipar resultados que nunca se concretizam”.